

O RITUAL DO BATISMO E AS POSSIBILIDADES DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE RELIGIOSA.

Edivaldo Rocha de Menezes¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir o papel do batismo nos processos de construção das identidades religiosas dos membros da Primeira Igreja Batista de Trindade. Ele é baseado sobre tudo na etnografia produzida na Primeira Igreja Batista de Trindade, localizada na cidade de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Partindo da noção de batismo como um rito de passagem (VAN GENNEP [1909], 2011), e sendo o batismo um dos rituais centrais do Cristianismo creio que pode ser um importante ponto de acesso para o entendimento das formas de vida religiosa articuladas ao Cristianismo, de forma geral, e à Tradição Batista, de forma particular, uma vez que, concepções e rituais sobre batismos são elementos de divergência entre as várias tradições cristãs. O foco deste estudo é compreender como novas subjetividades religiosas são criadas através da participação do batizante em diferentes arenas pedagógicas e da vida cotidiana que antecedem e sucedem o ritual em tela. Creio ser de suma importância, nos debruçar sobre estudos dessa parcela da sociedade brasileira e entender como os sujeitos são construídos neste círculo crescente da sociedade.

Palavras-chave: Ritual. Batismo. Primeira Igreja Batista de Trindade. Identidade. Conversão.

The ritual of baptism and the possibilities of religious identity construction.

Abstract

This article aims to discuss or discuss the processes of construction of religious identities of members of the First Trinity Baptist Church. It is based on everything in the ethnography selected at the First Baptist Church of Trinity, located in the city of São Gonçalo, Rio de Janeiro's metropolitan region. Starting from the notion of baptism as a way of passage (VAN GENNEP [1909], 2011), and being a baptism of central rituals of Christianity, which can be an important access point for understanding the religious life forms articulated to Christianity, in general, and the Baptist Tradition in particular, since conceptions and rituals about baptisms are elements of divergence between the various Christian traditions. The focus of this study is to understand how new religious subjectivities are realized through the baptizer's participation in different pedagogical arenas and in daily life preceding and succeeding or on-screen rituals. Create a great importance, looking at studies of this portion of Brazilian society and understanding how individuals are built in this growing circle of society.

Keywords: Ritual. Baptism. First Trinity Baptist Church. Identity. Conversion.

¹ Possui graduação em Filosofia pela Faculdade Phênix de Ciências Humanas e Sociais do Brasil (2013) e em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (2017). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Trabalhou o tema do Ritual do Batismo e construção da identidade religiosa na Igreja Batista da Trindade na graduação. No mestrado segue dando continuidade aos estudos sobre religião, pesquisando, a prática religiosa evangélica de fazer orações no monte ("Monte de Oração"). E-mail: edielet@gmail.com.

O batismo é um dos rituais centrais do Cristianismo, por isso despertou em mim o interesse de pesquisá-lo. Como objeto de estudo antropológico, creio que pode ser um importante ponto de acesso para o entendimento das formas de vida religiosa articuladas ao Cristianismo, de forma geral, e à Tradição Batista, de forma particular, uma vez que, concepções e rituais sobre batismos são elementos de divergência entre as várias tradições cristãs.

Nesta linha, este artigo tem por objetivo discutir o papel do batismo nos processos de construção das identidades religiosas dos membros da Primeira Igreja Batista de Trindade, localizada na cidade de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Partindo da noção de batismo como um rito de passagem (VAN GENNEP, [1909] 2011), o foco deste estudo é compreender como novas subjetividades e sentidos de pertencimento religiosos são criadas através da participação do *batizante*² em diferentes arenas pedagógicas que antecedem e sucedem o ritual em tela.

A pesquisa etnográfica foi realizada entre 2016 e 2017, onde participei de atividades rituais e pedagógicas realizadas na Primeira Igreja Batista de Trindade, frequentando, dentre outros, cultos, cursos preparatórios para o batismo e aulas de religião oferecidas na Escola Bíblica Dominical.

Historicamente, os Batistas têm sua origem na Reforma Protestante liderada por Martinho Lutero em 1517, a qual formulou uma crítica e posterior rompimento com a Igreja Católica. Em 1609, um grupo que sofria perseguição na Inglaterra por discordância religiosa foge para a Holanda em busca de liberdade de credo, e lá organizam uma igreja de doutrina batista, que foi liderada por John Smith, conhecido como “O Pregador”, e Thomas Helwys, um advogado. Este regressou à Inglaterra com mais dez companheiros e em 1612, nos arredores de Londres, num lugar chamado Spitalfields, organizou a primeira igreja batista em solo inglês. (DANTAS, 2007, p. 61).

Os batistas são mencionados pela primeira vez na historiografia da cristandade quando da instituição da primeira igreja batista organizada pelos ingleses em Amsterdã em 1609, congregando aqueles que se diziam separatistas entre os anglicanos. (MACIEL, 2010, p. 16)

Essa interpretação corrobora com a visão que os agentes do campo religioso batista brasileiro têm da construção de sua história

² Aquele que está em preparação para o batismo

institucional, pois grande parte dos Batistas e as principais convenções denominacionais batistas³ constroem suas narrativas a partir desta perspectiva. A Convenção Batista Brasileira (CBB) por exemplo, aponta em sua homepage institucional que

Com o nome de Batista existimos desde 1612, quando Thomas Helwys de volta da Holanda, onde se refugiaram da perseguição do Rei James I da Inglaterra, organizou com os que voltaram com ele, uma igreja em Spitalfields arredores de Londres. (Site da Convenção Batista Brasileira – CBB⁴)

No entanto, a presença dos batistas no Brasil remonta a vinda de colonos dos EUA, como decorrência da chamada Guerra de Secessão (1861–1865) em solo norte-americano. Derrotados pelas forças do Norte, muitos sulistas pensaram em reconstruir suas vidas noutro lugar, e o Brasil foi o escolhido⁵. Segundo narrativas oficiais da Igreja Batista no Brasil, D. Pedro II teria acolhido muito bem a esses colonos, que se estabeleceram em Santa Bárbara, Província de São Paulo. O grupo de colonos fundou, em 10 de setembro de 1871, a Igreja Batista de Santa Bárbara.

Trata-se da primeira igreja batista organizada em solo brasileiro, segundo Reis (1979, p. 88). Essa primeira igreja batista funcionava como capelania para os imigrantes que saíram dos Estados Unidos para o Brasil.

Pelo fato desta primeira igreja ser direcionada para a capelania dos imigrantes dos Estados Unidos, não havia, a priori, a intenção de realizar qualquer trabalho missionário que visasse a evangelizar, pelo viés batista, as populações locais. Por esta razão, os batistas do Brasil, não consideram essa igreja como marco⁶ fundador da história dos batistas no Brasil.

A partir de 1881 chegaram os primeiros missionários batistas ao Brasil, enviados pela Junta de Richmond da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos. Entre eles encontram-se William Bagby e sua esposa, Ann Luter Bagby; Zachary C. Taylor e sua esposa Kate Crawford Taylor. Juntos, iniciaram a Igreja Batista de Salvador, em 15 de outubro de 1882. (PEREIRA, 2010, p. 17). Esta vinda de

³ Associações de Igrejas Batistas

⁴ Disponível: <http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?option=com_content&view=article&id=198&Itemid=12> acesso dia 20/11/2017

⁵ O Brasil foi escolhido pelo fato do D. Pedro II, oferecer facilidades, e oportunidade de comprar terras baratas.

⁶ Existe uma grande disputa no campo religioso Batista brasileiro, para definir qual data representa o marco fundador dos batistas no Brasil. Os descendentes dos primeiros colonos têm como marco fundador a igreja de Santa Barbara, enquanto o outro grupo Batista, tem a Primeira Igreja Batista de Salvador como marco fundador, pois representa o início da evangelização dos batistas no Brasil.

missionários dos Estados Unidos para Brasil com a intenção de evangelizar os brasileiros é tida como marco fundador da Igreja Batista no Brasil para a maioria dos batistas. A partir de então, outras igrejas batistas foram inauguradas em diversas partes do Brasil, erguendo entre elas o compromisso de promover as doutrinas batistas.

Primeira Igreja Batista da Trindade: Contexto histórico da pesquisa

É neste contexto histórico e religioso que se encontra a Primeira Igreja Batista da Trindade em São Gonçalo, onde realizei o trabalho de campo em que se baseia este artigo. Esta Igreja foi organizada (fundada) com sessenta membros em 26 de dezembro de 1953, se tornando autogovernada⁷ nessa data, porque antes era uma congregação⁸ da Primeira Igreja Batista de São Gonçalo, tendo como líder o pastor Waldemar Zarro. A Primeira Igreja Batista da Trindade, que inicialmente era uma congregação da igreja de São Gonçalo, foi dirigida inicialmente pelo seminarista Ismail de Oliveira Rodrigues, logo sendo consagrado ao ministério da palavra⁹, se tornando o pastor local. Em 1954, foi construído o templo em terreno próprio, situado à rua pastor Waldemar Zarro, 28 Trindade/SG, com capacidade para mil e duzentos membros.

Em junho de 2008, a Primeira Igreja Batista de Trindade, que chamarei daqui em diante de PIB Trindade, inaugurou o seu novo templo no bairro de Nova Cidade, na rua Vicente de Lima Cleto 357, com capacidade para aproximadamente 4.500 pessoas.

Durante 41 anos, a igreja foi liderada pelo pastor fundador¹⁰, Ismail de Oliveira Rodrigues, falecido em fevereiro de 1994. Neste mesmo ano, ocorreram eleições para pastor titular da Igreja. Com isso, assumiu a presidência, em 27 de fevereiro de 1994, o pastor Edson Alves de Sousa. O pastor Edson Alves de Sousa foi presidente da igreja por 17 anos, deixando a presidência no ano de 2011. Em 18 de outubro de 2011, houve outra eleição para presidência da igreja,

⁷ Auto governo é o princípio norteador da forma organizacional das igrejas batistas

⁸ Congregação é o termo usado para designar uma igreja filha, que foi fundada por uma igreja batista, mas ainda não tem independência administrativa e financeira, ainda depende da igreja mãe. Assim que ela consegue se estruturar administrativamente e financeiramente, deixa ser congregação, tornando-se independente e autogovernada, passando a ser uma Igreja batista.

⁹ Ministério da palavra é como a instituição denomina aqueles que são chamados por Deus para serem pastores, e se dedicam ao exercício de pastor

¹⁰ O Fundador, é o pastor que consegue transformar uma congregação, em uma igreja batista, o primeiro dia da independência administrativa, e tipo pelos batistas como a data de fundação da Igreja

que foi vencida pela atual titular, Pastora Leila Cêa Cabral.

A estrutura hierárquica da Igreja Batista compreende as seguintes posições: ocupando o cargo mais importante, vem a pastora presidente, seguida, pelo vice-presidente da Igreja – cargo de confiança, que atualmente é exercido por um diácono, mas que pode ser exercido por qualquer membro da igreja; já num nível hierárquico abaixo, estão os pastores auxiliares, que atualmente são 4. Após isso, é o grupo de diáconos e diaconisas, que somam um total de 37. Este grupo é dividido entre 10 mulheres e 27 homens. No mesmo nível hierárquico dos diáconos, estão os líderes de departamentos e ministérios, que são as subdivisões da igreja, como por exemplo, União de Adolescentes, União da Juventude, União Feminina e etc. Existem outros cargos, que também exercem poder na hierarquia, mas estes anteriormente colocados seriam a coluna principal da hierarquia da igreja.

Todavia, nem sempre ocupar um cargo na hierarquia da igreja garante que o ocupante desfrute do prestígio que é atrelado à posição, uma vez que no cotidiano da instituição existem disputas simbólicas baseadas no prestígio adquirido de outras formas, sobretudo a partir das demonstrações públicas de conhecimento das doutrinas e práticas da tradição batista local e de sua manipulação satisfatória, a qual produz eficácia da ação religiosa. Na linha do que Pierre Bourdieu (1998) definiu como capital político, que seria é uma forma de capital simbólico, um crédito firmado na crença e no reconhecimento, aqueles que são membros antigos na igreja e têm suas habilidades religiosas reconhecidas pelos demais membros, dão “Bom Testemunho”¹¹, participam das atividades da congregação e demonstram conhecimento dos ritos, mesmo não ocupando cargos formais de liderança, têm mais prestígio que alguns membros que fazem parte da hierarquia da igreja.

Metodologia

A classe de EBD (Escola Bíblica Dominical) denominada classe de batismo ou novo convertido, acontece aos domingos (como o nome já informa), o aluno terá que assistir no mínimo 9 das 16 lições ministradas para poder ser batizado. Cada lição tem a duração de uma hora, essas lições são em sua maioria sobre doutrinas bíblicas, como por exemplo, o que é a Bíblia? Como posso ter certeza da

¹¹ Bom testemunho é uma categoria nativa que designa uma forma moral de viver que não traga escândalos ou possa denegrir a imagem da igreja e, desta forma, impeça a evangelização.

Vida Cristã? O que é Igreja? etc.

Minhas primeiras participações nesta classe não foram como eu tinha planejado, eu pretendia fazer inicialmente algumas observações sem chamar muita atenção ou alterar rotina da classe, então fui participar como qualquer aluno normal e não informei ao professor o que estava fazendo ali, apenas sentei-me na carteira e observei a aula como qualquer aluno, fazendo anotações.

Para os alunos, eu passei despercebido (como começaram a frequentar a igreja há pouco tempo, conhecem poucas pessoas), mas percebi, que a minha presença produzia desconforto para o professor. Durante a aula, ele perguntou se eu queria falar algo, respondi que não.

Por isso entendi que seria impossível assistir aula como um aluno comum, então ficou claro que fazer campo nos moldes que tinha pretendido era impossível, começar como despercebido, e aos poucos passar para observação participante, mas não foi possível, porque a todo tempo, minha posição na instituição na hierarquia era marcada, seja pela desconfiança, seja pela afinidade, então modifiquei a minha entrada para um participante observante.

Deste modo, passei a comunicar aos professores o que estava fazendo ali, e em uma aula em que o professor era um amigo particular, pedi 5 minutos da aula, e expliquei para os alunos o que eu estava fazendo ali, falei sobre a pesquisa, e porque escolhi falar sobre o ritual do batismo, por ser um dos rituais centrais do cristianismo, e assim minha posição no campo mudou radicalmente, mas de certa maneira, tentava não interferir na rotina da classe, mas quando era necessário e ou acionado, não hesitava em exercer a função, por isso creio, que o meu papel foi de um participante observante.

Conversão como parte pré-ritual

Durante meu trabalho de campo, percebi que para compreender o papel do ritual do batismo na construção das identidades, subjetividades e sentidos de pertencimento religiosos entre os membros da PIB Trindade, seria necessário tratar de um assunto que está diretamente ligado àquele ritual, que é o da conversão religiosa. Isto porque uma parcela dos meus interlocutores era recém-convertidos e não faziam parte, portanto, do grupo dos membros dos "nascidos na igreja", os quais já teriam sido socializados desde a infância nos elementos doutrinários Batista. Mas

o que significaria esse conceito de conversão? Usarei aqui a definição dada por Freitas e Furtado (2014):

Entendemos por conversão o sentido de "mudança", "transformação" tanto no nível de ideias como no nível de práticas. Como descreve Gomes (2011), além daquele que muda de uma religião para outra distinta, "o termo conversão é utilizado também para caracterizar a entrada em uma nova religião, capaz de transformar a cosmovisão do sujeito, mudar a identidade do converso e alterar sua relação com a realidade e o mundo" (FREITAS e FURTADO, 2014, p. 158).

Para os meus interlocutores, o batismo é entendido como consequência direta da conversão, isto é, ele seria a confirmação daquilo que é localmente entendido como a última etapa de um processo de salvação que fora iniciado através conversão. Fiz a seguinte pergunta para algumas pessoas que frequentavam o curso de preparação para o batismo: Para que serve o batismo e qual o seu objetivo? Seguem algumas das respostas que os batizantes formularam:

Vagner:¹⁹ "Para que haja salvação e renascimento através do Espírito Santo. Recomeço Jesus Cristo"

Adriana: "Para a purificação, e a santificação em Cristo Jesus para buscar a nossa salvação. O batismo também serve para que você seja uma nova criatura em Jesus. Para nascer de novo".

Augusto: "Para "firmar", "testemunhar" a salvação em Cristo. Nos Batizamos, porque já nos batizamos em espírito nas águas"

Também fiz a seguinte pergunta: O que significa Conversão? Seguem algumas respostas.

José: "Conversão é uma ponte para salvação".

Alexandra: "Conversão é temor do senhor Jesus, pois eu vim da Igreja Católica, muitos dizem que tem fé, alguns dizem que tem fé até em Jesus, mas se não temerem o que Jesus fez por nós, o que ele fez, não vão obedecer, conversão é obedecer a Jesus".

Outra pergunta que fiz aos meus interlocutores era sobre se consideravam conversão como a mesma coisa que salvação. A maioria respondeu que não, mas apenas um justificou a resposta.

Fernando: Conversão não é a mesma coisa que salvação, mas produz a salvação.

Na perspectiva nativa, o convertido é aquele que recebeu a Jesus,

¹⁹Todos os nomes são fictícios, foram trocados para preservar a intimidade e imagem dos meus interlocutores.

aquele que “Deus agora vê como inocente, como alguém tem paz com Deus, consigo mesmo e com o seu semelhante”. De acordo com os ensinamentos da aula, isso também é parte da ideia de salvação, tal como localmente pregada. Nas palavras do professor, “como convertidos e salvos, devemos santificar a nossa mente, que precisa ser protegida pela palavra. A palavra de Deus guarda nossa mente do mundo, devemos obediência à Bíblia. Podemos e devemos ler bons livros, mas a Bíblia deve ser nossa principal leitura, pois a leitura dela guarda nosso corpo das obras do Mundo”.

Como os exemplos etnográficos acima indicam, os cursos de religião e a pedagogia do professor em ensinar as doutrinas da igreja operam no intuito de promover uma reorganização cognitiva nos significados de conversão dos batizantes, criando um universo compartilhado de saberes e experiências, para que os significados ali produzidos possam ser inteligíveis dentro do sistema de valores da Igreja. O ensino da religião no contexto das aulas que participei atua para reorganizar a experiência do batizante. É interessante perceber, de acordo com os dados apresentados, que a visão que o convertido tem de conversão e salvação podem, todavia, ser diferentes da explicação oficial da igreja

O tema da “salvação” é recorrente nas falas dos alunos, a salvação evangélica é tida como concomitante à conversão: você é salvo quando se converte, por isto este momento é considerado um “novo nascimento”. Certa vez, um dos professores deu uma aula sobre batismo. Na ocasião, foi explicado a concepção de batismo para os batistas e foi feita a seguinte pergunta pelo professor: “O batismo salva?”. Ele pediu para que o grupo que achava que salvava levantasse as mãos e depois perguntou para o grupo que achava que não salvava levantasse. A grande maioria levantou as mãos dizendo que o batismo “não salvava”. Logo depois o professor afirmou que o batismo não salvava, que o batismo era a marca de algo que já tinha acontecido nas vidas das pessoas (salvação), que o batismo era um sinal de obediência ao mandamento de Jesus, mesmo assim teve um aluno que ficou reticente sobre a explicação do professor, e com isso, o professor teve que explicar novamente o assunto ao aluno.

A pesquisa aponta para o fato que alguns alunos acreditam que o batismo salva, pois dá a entender que eles enxergam a salvação como um processo, mas também houve aqueles que disseram que foram salvos quando aceitaram a Jesus, que o batismo é a confirmação dessa decisão, seguindo o discurso oficial da igreja. Deste modo, torna-se difícil falar de uma conversão apenas, pois

parece que existem diversos caminhos que conduzem a isso, mas o que ficou claro durante meu trabalho de campo é que não é possível discutir o ritual de Batismo sem passar pela discussão a respeito da conversão, pois são duas etapas do mesmo processo.

O fenômeno da conversão religiosa é um tema pouco explorado na literatura antropológica, não temos muita literatura sobre o assunto fora do campo teológico. Trata-se de um tema controverso na literatura antropológica. Existem diversos tipos de conversão no campo religioso, mas como nosso objeto de estudo aqui não é focar especificamente neste fenômeno, abordarei o que considero importante para ajudar na construção do argumento de minha pesquisa que é considerar o ritual de batismo como um elemento central na construção da identidade e sentidos de pertencimento religiosos dos membros da Primeira Igreja Batista de Trindade,

Como mencionado acima, existe uma grande dificuldade de falar sobre o assunto conversão, a primeira dificuldade como falamos, é pouca literatura sobre o assunto fora do campo teológico, e a falta de um consenso sobre o assunto. Outra dificuldade é a pluralidade do fenômeno, até mesmo no caso da PIB de Trindade, pois é difícil falar de conversão no singular porque existem fenômenos diferentes a ela associados. Vamos, a partir da literatura disponível, tentar jogar luz sobre esse fenômeno.

O que seria o fenômeno da conversão? Para Caldeiras (2008, p. 91), seguindo a formulação Carozzi (1994, p. 62), discutir conversão religiosa é tratar da “questão de como os indivíduos entram em contato com novas religiões, aceitam sua cosmovisão e se mantêm dentro de seus sistemas de crenças”. Então para começar a delinear a questão a partir da afirmação deste autor, a conversão deve ser pensada pelo contato: como se dá esse contato? O que leva a pessoa a buscar uma religião ou uma outra religião, diferente da qual já professaria? Segundo, a conversão é uma mudança da cosmovisão, existe uma ação transformadora da conversão, a forma que esse converso vai se relacionar com o mundo será alterado, o seu léxico explicativo do mundo será alterado significativamente. Encarando a conversão nesta direção e levando a fala dos meus interlocutores a sério, realmente essas afirmações de Carozzi fazem muito sentido, então vamos tentar avançar mais para ver se essas questões podem ser sustentadas.

Dentro desta dinâmica, há um grande problema que se levanta no campo de estudos sobre a conversão, referente a como se dá esse fenômeno, se ele acontece de forma radical e abrupta, ou se ele vai acontecendo processualmente, com a pessoa se convertendo

à medida em que vai sendo inserida no grupo.

[...] o indivíduo se aproxima do grupo religioso de uma forma lenta gradual, estabelecendo, aos poucos laços afetivos, comprometendo-se com os seus valores e como as suas práticas e moldando, gradativamente, sua identidade de acordo com os padrões propostos e esperados pelo grupo ao qual passa a pertencer (CALDEIRA, 2008, p. 104)

Abordar a conversão nesta perspectiva, seguindo a ideia de uma mudança paulatina e gradual, com troca gradual do léxico explicativo do mundo por outro é muito mais lógica e racional para uma perspectiva antropológica do que trabalhar com conversão como uma mudança radical e abrupta. No entanto, caso analisasse o fenômeno da conversão seguindo a primeira abordagem (conversão gradual), criaria um problema metodológica para realizar a interpretação de meus dados etnográficos, já que boa parte dos meus interlocutores afirmam que sua conversão foi abrupta e radical.

A conversão como ruptura e reorganização biográfica

A conversão religiosa, tal como estou aqui considerando, é uma renúncia abrupta da história de vida pregressa da pessoa até o momento da conversão. Isso ocorre de forma consciente, impelindo ao convertido a ressignificar seu mundo e a reorganizar, a partir da nova cosmovisão, a forma como ele vai se relacionar com o mundo e com quem forma sua rede de relações pessoais.

Se entendermos a conversão como ato abrupto e radical, como renúncia de sua história pregressa, como os nativos falam, conversão passa a significar arrependimento e reconhecimento que é pecador, ou seja, uma total renúncia de sua história de vida, alguns dados etnográficos corroboram para essa interpretação;

Andreina: “Na verdade, acho que mudei mesmo a partir do momento que aceitei Jesus...”

Josefina: “Quando aceitei Deus como meu salvador.”

Giovana: “No dia que aceitei a Jesus em minha vida... Vou deixar de fazer as coisas [erradas] que eu fazia no passado.”

Existe essa renegação da vida pregressa, reconhecendo que ela era algo errado e desagradava a Deus. Os dados etnográficos também apontam para ruptura, mostrando que, para o nativo, a conversão é esse momento da ruptura abrupta e radical, nesse

momento que se inicia a reorganização biográfica. Normalmente é uma separação de qualquer coisa que possa profanar ou contaminar o momento ritual, isso pode ser uma separação fisiogeográfica, ou biológica, ou algum tipo de separação ritual, que produza uma purificação do estado anterior, e o prepare para etapa ritual posterior, isso pode ser aferido nos dados etnográfico que seguem;

Antonia: “Tudo já estava mudando antes, agora sinto que estou limpa para receber as palavras de Deus”.

Antonia por que você não se batizou antes? “Estava muito errada na vida e não tinha certeza se conseguiria me manter longe do pecado. Hoje tenho certeza do que não quero para minha vida.”

Existe o fenômeno do achatamento de sua cosmologia dos convertidos, – o uso do termo achatamento, é por uma questão conceitual, pois pelos dados etnográficos obtidos em meu trabalho de campo pude notar que não existe uma substituição cosmológica total – mas uma sobreposição da nova, pois “o/a velho/a homem/mulher” é tido como mal, é a “velha natureza” que deve ser combatida constantemente ao mesmo tempo em que a “nova natureza cristã” deve ser cultivada e reforçada, essa nova natureza é a nova cosmologia. É comum ouvir, e ser ensinado na Escola Bíblica Dominical, que essa é a luta do crente, matar a velha natureza, o velho homem e cultivar o novo homem. Deste modo, levando a sério a narrativa dos meus interlocutores, conversão é melhor entendida como categoria nativa, empírica, real, específica e singular.

Base teórica de análise

Antes de prosseguir, creio que se faz necessário, apresentar as principais ideias dos autores sobre os quais fundamento essa análise, que seriam Van Gennep e Victor Turner.

Arnold Van Gennep, com sua análise sobre ritos de passagem, trouxe grande contribuição para o estudo dos rituais nas Ciências Sociais, que agora não mais ocupariam um lugar à margem, mas se tornariam uma ferramenta poderosa para compreender os processos de mudanças da vida individual e social, sobretudo investigando como passamos de um status social para outro, através do que chamou de ritos de passagem. Arnold Van Gennep (2011, p. 24), ao tratar inicialmente sobre os ritos de forma geral, fala destes como um processo que tem um início, se desenvolve e termina. O que Arnold Van Gennep (2011, p. 29) faz é tentar

identificar cada sequência do ritual de forma a ter uma visão panorâmica do todo. O desafio, então, é não perder nenhuma sequência ritual, não deixar nenhuma de fora, e cada etapa (sequência) tem que ser analisada e estudada em seu próprio significado ritual interno, o significado desse momento, e a sua relação com as outras sequências rituais, pois isso faz toda diferença no resultado final. Vemos então que Arnold Van Gennep classifica os Ritos de Passagem, e propõe as decomposições sequenciais do ritual da seguinte forma quando submetidos à análise: Ritos de separação, Ritos de Margem e Rito de agregação. A primeira etapa desta sequência, é o rito secundário de separação, que marca a entrada do indivíduo no momento ritual. A segunda a Margem é o lugar que sinaliza e indica que o indivíduo está em fase de transição de um estado ao outro. A última fase é o Rito de Agregação, que é quando indivíduo será incorporado de forma definitiva no grupo, isso produzirá uma mudança de status de forma definitiva, expurgando uma qualidade e concedendo outra, em muitos casos existe uma transformação ontológica no indivíduo que passou pelo ritual. Assim, temos um panorama geral dos conceitos e ideias de Arnold Van Gennep.

Arnold Van Gennep teve uma influência muito grande nas ideias e conceitos de Turner, então podemos falar que Turner continua e expande, por assim dizer, o pensamento de Van Gennep. Para Turner, todo ritual é organizado a partir de fases Preliminares, Límen-Liminaridade-Limonóide e Pós-liminares. A fase da liminaridade é a parte em que Turner avança analiticamente sobre as ideias de Arnold Van Gennep. Turner entende que a ideia do conceito de margem de Van Gennep não consegue expressar a realidade deste momento ritual, pois margem dá a ideia de estar fora, ao lado, mas para Turner, neste momento ritual, o neófito, não está dentro, mas também não está fora, ou está dentro e fora ao mesmo tempo, ou seja, é um lugar de ambiguidades e paradoxos.

[...] Os ritos de transição (passagem) vem marcados por três Fases: separação, margem (ou limen) e agregação. A fase inicial de separação compreende o comportamento simbólico que refere ao afastamento do indivíduo, ou grupo, seja de um ponto fixo anterior, na estrutura social, ou de um conjunto de condições culturais (um "estado"); durante o período liminar, interveniente, o estado (estado é definido por Turner, como algo mais estável que um status social), do sujeito ritual (o "passageiro") é ambíguo; ele percorre um reino que tem pouco nenhum dos atributos dos estados passado ou vindouro; na terceira fase a passagem é consumada. Sujeito do rito, individual ou corporativo, encontra-se uma vez mais, numa condição estável, em virtude da qual tem direitos e obrigações de um tipo

estrutural claramente definido e dele se espera um comportamento de acordo com certas normas costumeiras e certos padrões ético (TURNER, 2005, p. 138)

O conceito de liminaridade construído por Turner, e poderoso para entender o rito de passagem, é neste momento do ritual que o neófito se encontra em lugar ambíguo, a sua posição é de invisibilidade social, o ritual o transporta para um lugar entre estruturas, pois todas as suas insígnias sociais são suspensas, ele está, em um não lugar, mas em transição de um status ou estado a outro. Turner (2005, p. 143) define esse período liminar da seguinte forma: "Não tem status, propriedade, insígnia, vestimenta secular, graduação, posição de parentesco, nada que possa distingui-los, estruturalmente de seus companheiros".

Aprender a religião: a liminaridade dos batizantes

Ao falar deste período, que entendo contemplar a análise dos antropólogos, que descrevem um processo paulatino, como algo que vai acontecendo de forma metódica e processual, não estamos falando da conversão, mas do período da margem, o período em que, durante meu trabalho de campo, os convertidos estavam em preparação para receber o batismo. Para isso, uma arena pedagógica é estruturada na PIB Trindade, através dos cursos de batismo e dos rituais da igreja.

Esse momento de margem que o indivíduo se encontra, segundo Turner, é o momento que produz sentimentos díspares, tanto na pessoa que será alvo do ritual, quanto no grupo que a assiste, pois, por ser um período marcado pela incerteza e pela ambiguidade, as possibilidades de mudança que esse período ritual pode proporcionar são vistas como um risco, e por isso, o quanto antes a experiência do processo ritual seja finalizada, melhor para o grupo.

A marca deste período ritual de liminaridade é o reforço para o esquecimento de uma cosmologia anterior, para que seja possível o aprendizado de outra cosmologia, mas o que James chama a atenção é que não é somente do apagamento de história pregressa do indivíduo que a religião se ocupa, mas do apagamento da própria história da experiência da conversão do indivíduo, isso com a intenção de manter essa experiência sob as égides da religião.

Para Willian James, bem como Rudolf Otto, autor do clássico da

fenomenologia da religião O Sagrado, os mitos, ritos, as doutrinas, as liturgias, as teologias, são racionalizações que produzem o esquecimento da experiência emocional instável e insegura, que liga originalmente as pessoas à religião, esquecimento que é produzido em benefício da manutenção da institucionalidade religiosa (e institucionalidade da própria experiência do convertido), esquecimento que é produzido em benefício da manutenção da institucionalidade religiosa, seus poderes constituídos e suas práticas partilhadas pela coletividade. (TRABUCO, 2009, p. 142)

Mas eu discordo do ponto de vista do apagamento ou esquecimento da experiência de conversão. Primeiro porque são dessas histórias que a religião vive e se reproduz, então seria contraproducente fazer isso; e segundo os meus dados dizem outra coisa. Quando percebia na classe de novos convertidos, que havia uma controvérsia entre a versão oficial e opinião do batizante, a versão do batizante era combatida e apresentada a versão da igreja como “verdade”. No entanto, quando a questão versada era sobre o tema da conversão, não existia esse combate, o que acontecia era uma reorganização desta experiência a partir da chave explicativa da instituição, então a manutenção da institucionalidade não vem pelo apagamento ou esquecimento, mas sim pela reorganização da experiência do neófito. O que pude observar desta reorganização, e que os professores da EBD tentam colocar a experiência de conversão deste neófito, dentro das doutrinas pregadas pela igreja, então eles tentam mediar essa experiência. A questão pedagógica em ensinar os princípios religiosos normativos da igreja é fazer uma reorganização cognitiva nos significados de conversão dos batizantes, a fim de que esses significados possam ser inteligíveis dentro do sistema de valores da Igreja. O ensino reorganiza a experiência do batizante, Dias aponta para algo parecido:

Fica claro, nesta óptica, que o indivíduo se aproxima do grupo religioso de uma forma lenta e gradual, estabelecendo, aos poucos laços afetivos, comprometendo-se com os seus valores e com as suas práticas e moldando, gradativamente, sua identidade de acordo com os padrões propostos e esperados pelo novo grupo ao qual passa a pertencer. (DIAS, 2008, p. 104)

Dias apresenta a experiência acima como sendo “conversão”, mas como foi anteriormente discutido, entendo que está se falando, na verdade, da fase de liminaridade, e é sobre essa ótica que interpretarei os dados etnográficos aqui apresentados. Os primeiros laços criados são emocionais, fortemente arraigados na experiência de conversão, mas pouco a pouco, as emoções são

substituídas pela racionalidade do grupo, e os valores do grupo podem ser entendidos como parte desta racionalidade. Na verdade, são os guias dela, mas vamos, a princípio, continuar com o pensamento de Dias para nos ajudar a avançar nesta questão:

Para entender essa radical transformação da identidade social, no entanto, é necessário recordar a concepção de Goffman, segundo a qual os meios para se produzir e manter o eu está nos estabelecimentos sociais e não no indivíduo (DIAS, 2008, p. 111)

A igreja é a chave principal para a construção desta nova identidade religiosa do convertido, mas ela não é única fonte que opera nesta construção, ela dita as regras, produz uma força coercitiva, mas o indivíduo também é força ativa nessa construção, principalmente pelo fato de que a religião evangélica tem uma forte força no princípio da individualidade. Como exemplo, é propagado que a salvação é individual, mas sua operação é coletiva. O neófito terá que produzir em seu corpo as marcas da salvação, e isso acontece a partir do momento que ele toma para si a interpretação do léxico explicativo que a comunidade tem da salvação. Nesta dinâmica, que vão sendo inscritas nos seus corpos as marcas da salvação, que são compartilhadas e avaliadas pela comunidade. Outros momentos nos quais tais mobilizações da ideia de salvação são feitas, são nos contextos pedagógicos dos cursos oferecidos pela EBD, mas também em arenas rituais, como o culto e demais ritos e nas interações com os membros da igreja.

Nos dados coletados na classe de religião oferecidos pela EBD para novos convertidos, pude perceber alguns princípios norteadores da construção da identidade, e que existe uma certa ética para isso: é ela que vai conduzindo e modulando essa identidade que está sendo construída de forma coletiva, mas sob responsabilidade individual. Alguns dados foram recorrentes em minhas anotações, *como transformação interior, santificar a mente, proteger a mente, batalha na mente, natureza humana ruim, carne, natureza terrena, homem interior, novo homem, nova natureza, homem espiritual, luta interior*, esse conjunto de palavras sempre apareceram em um contexto específico, na dicotomia de duas naturezas que coexistem na vida do crente, a velha natureza (natureza humana ruim, natureza terrena) versus novo homem (homem espiritual, transformação interior, santificar a mente, proteger a mente).

Essa dicotomia entre velho homem e novo homem, constitui a ética e dinâmica principal que esse novo convertido tem que aprender, é principalmente em torno e sobre essa ética que a identidade

deste novo convertido vai sendo construída. O velho homem representa a velha história da vida vivida até o momento em que a pessoa se converteu, mas também representa um “EU” interior dividido entre a vontade de DEUS e vontade do homem pecaminoso. Mas se o processo é bem sucedido, o indivíduo, isto é, o novo homem, é uma pessoa moral que tem a obrigação de suplantar o velho homem e praticar as virtudes exigidas ao novo homem.

Deste modo, a identidade que vai sendo construída coletivamente é a do homem virtuoso, moralmente responsável, que deve vencer a batalha no corpo e na mente, e que vai adquirir qualidades a partir da absorção da identidade coletiva da comunidade de fé, mas a qual somente serve como modelo, uma vez que a responsabilidade da salvação é individual, mas a sua vivência é coletiva.

Retornando ao ponto anterior, que é sobre a problemática da construção da identidade religiosa pessoal através da identidade coletiva, considero que Roberto DaMatta nos ajuda a pensar sobre essa questão:

Nos ritos de iniciação, os neófitos dramaticamente conjugam individualidade e coletividade, pois neles se reafirma que coletivo e individual constroem-se simultaneamente, sem fendas, descontinuidades ou separações. Se não fosse falar demais, dir-se-ia que ali eles entendem que o eu não existe sem o outro, e que no centro dos ritos de iniciação está a descoberta (ou melhor, o desvendamento) do mistério segundo o qual tanto a dimensão individual quanto a coletiva são construídas por um mesmo conjunto de valores. (DAMATTA, 2000, p. 19)

DaMatta joga luz sobre a questão que aparentemente parece obscura, que é o intercambiamento entre a identidade coletiva e a identidade do indivíduo. Podemos dizer então que só existe a identidade individual porque existe uma coletividade, e essas duas se retroalimentam produzindo a possibilidade da construção da identidade individual, que constrói sua alteridade em oposição ao coletivo. Nesta interpretação, a coletividade não é um empecilho para a construção da individualidade, mas a fonte da mesma.

Os componentes da construção de identidade religiosa evangélica passam pela reorganização biográfica, ser socializado nos códigos religiosos doutrinários e rituais e aprender a corporeidade da comunidade, desenvolver a alteridade entre o “eu” e o “outro eu”, também uma alteridade entre “eu” e o coletivo. Então será a partir

da compreensão da racionalidade religiosa que a pessoa vai absorvendo do grupo que sua experiência vai sendo moldada e tomando novos contornos, então não será apenas e somente por sua própria leitura da experiência pela qual passou, mas por ela, juntamente com lógica que absorveu do grupo. Costa (2014), ao falar da salvação, também enxerga nela, além do poder reorganizador da história de vida, um papel importante como forma de aprendizagem, representando um aspecto organizacional da forma de aprender e, por assim dizer, existe uma pedagogia no processo ritual. Assim essa nova aprendizagem e classificação do mundo reorganizam a experiência do batizante, segundo pude apreender com a pesquisa de campo realizada. A partir da lógica absorvida da comunidade, uma vez que é neste processo pedagógico que tal lógica, pouco a pouco, vai sendo absorvida como sendo a própria lógica do batizante e sua forma de enxergar suas experiências e o mundo. É com ela que o indivíduo vai organizar tanto a sua razão quanto suas emoções.

Considerações finais

O batismo com todas suas fases precedentes e subsequentes, é um importante caminho para uma construção de uma antropologia do ritual cristão. Infelizmente é um campo antropológico pouco explorado no Brasil, mas apesar o escopo deste trabalho ser altamente limitado, entendo que ele ajudou no propósito de jogar luz sobre algumas questões importante sobre a forma como os primeiros passos para construção identidade religiosa dos membros da PIB de Trindade são dados, com certeza isso pode nos ajudar a entender esse processo em diversos ramos do cristianismo, mas existe uma necessidade de pesquisas mais aprofundadas, principalmente sobre o fenômeno da conversão, creio que caso ela seja abordada na perspectiva dos meus interlocutores como uma ruptura abrupta e radical, seja uma caminho muito promissor para compreendermos esse fenômeno tão controverso na literatura antropológica. O ritual do batismo ocupa a centralidade na experiência religiosa cristã, seja ela de qualquer ramo, ele tem um forte poder aglutinador das experiências religiosas e das emoções advindo desta religião.

O batismo continua operando como agente de significação religiosa não somente no momento do ritual, mas ele é constantemente uma agente de ressignificação da experiência religiosa do membro da igreja evangélica, por isso, pode muito nos informar sobre o ser evangélico, ele é um importante ponto de

acesso para o entendimento das formas de vida religiosa articuladas ao Cristianismo em geral e em específico dos evangélicos.

Referências

ALMEIDA, Cláudio Roberto dos Santos de. O caminho do senhor: conversão pentecostal e transformação da experiência na periferia de Salvador. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas PPGCS, Universidade Federal da Bahia, Salvador 2011. Disponível em:

<<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19648>>, acesso em 17/12/17.

BANAGGIA, Gabriel. Conversão, com versões: A respeito de modelos de conversão religiosa. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, vol.29 no.1 pp.93-105, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872009000100009>>, acesso em 18/12/17.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro.; Mísia Lins Reesink. Mudando de eixo e invertendo o mapa: Para uma Antropologia da religião plural. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro 2011, vol.31 no.1 pp. 209-227. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872011000100009>>, acesso em 12/12/17

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; Eduardo Henrique Araújo de Gusmão. Reflexões metodológicas em torno da conversão na IURD: Colocando em perspectiva alguns consensos. *Revista Estudos de Sociologia*, Araraquara, vol. 18, No. 34, pp. 57-74, Jun. 2013. Disponível em:

<<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/5973>>, acesso em 18/12/17.

COSTA, Grasielle Aires da. O conceito de ritual em Richard Schechner e Victor Turner: Análises e comparações, revista aSPAs. Vol. 3 No 1 pp. 49-60. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/aspas/issue/view/5280>>, acesso em 12/12/17

COSTA, Lívia A. Filho. Das dimensões mobilizadas na construção de uma nova identidade religiosa, revista *Anthropológicas*. Ano 18, No25 pp.128-147, 2014. Disponível em:

<<http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/374>>, acesso em 17/12/17.

DAMATTA, Roberto. Individualidade e liminaridade: Considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade, *Revista Mana*. Vol.6 No 1 pp. 7-29, 2000.

Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132000000100001>>, acesso em 12/12/17.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues, *Boletim do Museu Nacional Nova série* No 27, Rio de Janeiro, Mai 1978.

Disponível em: <https://www.ppgasmn-ufrrj.com/uploads/2/7/2/8/27281669/boletim_do_museu_nacional_27.pdf>, acesso em 18/12/17.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*: São Paulo: Ed. Paulus, 1989, 3ª edição. 535 p.

FREITAS, Denis de; HOLANDA, Adriano Furtado. Conversão religiosa: buscando significados na religião. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.*, Juiz de Fora, vol. 7, No 1, pp.

93-105, jun. 2014. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202014000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18/12/2017.

GENNEP, Arnold Van. Os ritos de passagem Rio de Janeiro: ed. Vozes, 2011, 3ª edição. 164 p.

GOLDMAN, Marcio. Uma categoria do pensamento antropológico: A noção de pessoa. Revista de Antropologia da USP, São Paulo, Vol. 39 no 1 pp. 83-109, 1996. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111620>>, acesso em 18/12/17.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. Um estudo sobre a conversão religiosa no protestantismo histórico e na psicologia social da religião. Revista Ciências da religião – História e sociedade Vol. 9 No. 2 pp. 148-174, 2011. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/issue/view/207>>, acesso em 17/12/17.

JUNIOR, Cleonardo Mauricio. Cristianismo e Conversão: Uma breve revisão, revista Antropológicas. Ano 18, Vol 25 pp.195-210, 2014. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaantropologicas/index.php/revista/article/view/377/258>>, acesso em 17/03/17.

LUIZ, André de Castro Mariano. Pentecostalismo clássico: Histórias, memórias e trajetórias sociais. Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2012. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/ppga/files/2012/04/Disserta%C3%A7%C3%A3o-MARIANO-ALC.-PPGAS-2012.pdf>>, acesso em 12/12/17.

MATOS, Elias. Aspectos do ritual do batismo em águas na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Florianópolis e a relação com o seu crescimento no período de 1938 até 2011. Trabalho de Conclusão de Curso apresentando a disciplina TCC 2, Centro Universitário Municipal de São José – USJ. São José, Santa Catarina 2012. Disponível em: <<https://usj.edu.br/wp-content/uploads/2015/07/TCC-final-alterado-Lurdes-03-06-2012.pdf>>, acesso em 12/12/17.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 527 p.

MEIRA, Mônica Birchler Vanzella. Sobre estruturas etárias e ritos de passagem. Ponto-e-Vírgula : Revista de Ciências Sociais, [S.l.], n. 5, mar. 2013. ISSN 1982-4807. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/14085>>. Acesso em: 18 /12/ 2017

PEIRANO, Mariza G. S. A análise antropológica de rituais, Série Antropologia 270, Brasília 2000. Disponível em: <<http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie270empdf.pdf>>, acesso em 18/12/17.

PEREIRA, J. Reis. Breve História dos Batistas 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979. 109 p.

PIRES, Flávia. Tornando-se adulto: Uma abordagem antropológica sobre crianças e religião, Religião e Sociedade Vol.30 no.1 Rio de Janeiro jul. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872010000100008>>, acesso em 06/12/17.

REGINA, Sílvia Alves Fernandes. Marcos definidores da condição juvenil para católicos e pentecostais na baixada fluminense– algumas proposições a partir

O ritual do batismo e as possibilidades da construção de identidade religiosa

de um survey, Revista: Religião & Sociedade vol.31 no.1 Rio de Janeiro jun.2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872011000100005>>, acesso em 06/12/17.

RIBEIRO, Monalisa Gama. Experiências institucionalizadas: O espaço religioso e as leituras dos convertidos à Assembleia de Deus em Campina Grande – PB. Caderno eletrônico de Ciências Sociais, Vitória, v. 2, n. 2, p. 87-110.

ROBBINS, Joel. Transcendência e Antropologia do Cristianismo: Linguagem, mudança e individualismo Religião e Sociedade vol.31 no.1 Rio de Janeiro jun.2011, Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872011000100002>>, acesso em 12/12/17.

RODOLPHO, Adriane Luisa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: Uma revisão da bibliografia antropológica, Estudos Teológicos, Vol. 44, No 2 pp. 138-146, 2004. Disponível em: <https://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/560>, acesso em 18/12/17.

SILVA, Elizete da. Cidadãos de outra pátria: Anglicanos e batistas na Bahia. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História FFLCH-USP, São Paulo 1998. Disponível em: <<http://pos.fflch.usp.br/node/43958>>, acesso em 17/12/17.

SILVA, Vagner Gonçalves da. O antropólogo e sua magia: ed. da Universidade de São Paulo, 2015, 194 p.

SMILDE, David. Razão para Crer: Agência cultural no movimento evangélico latino-americano: ed. da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012. 316 p.

TRABUCO, Zózimo Antônio Passos. O instituto bíblico do nordeste e a construção da identidade batista em Feira de Santana (1960-1990). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Bahia, Salvador 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10884>>, acesso em 12/12/17.

TURNER, Victor. Drama, Campos e metáforas: Ação simbólica na sociedade humana: ed. da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008, 278 p.

TURNER, Victor. Floresta de Símbolos: Aspectos do ritual Ndembu: Ação simbólica na sociedade humana: ed. da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005, 488p.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: Notas para uma Antropologia da sociedade. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. 149 p.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Pioneira Editora, 1983, 3ª Edição. 233 p.